BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL

MÔNICA PUGLIESI

RESUMO

A educação infantil tem papel fundamental no início da aprendizagem da criança, considerada como primeira etapa da educação básica nas diretrizes que embasam a educação nacional. Considerando a infância e as características da criança, a educação infantil deve atender a criança em suas necessidades, estabelecendo um ambiente para que esse desenvolvimento seja o mais pleno possível, que seja agradável, estimulante, desafiador e lúdico, respeitando a criança em sua essência. A criança aprende por meio de sua interação com as ações em que se envolve e por meio da interação em diferentes propostas, assim a escola deve oferecer propostas que integrem as especificidades da infância, sem abandonar as diretrizes pedagógicas propostas pelos documentos oficiais. Na escola, as brincadeiras são diferentes do que a criança está acostumada em sua rotina familiar, pois exigi o cumprimento de regras, de rotinas cronometradas, de ações planejadas, fazendo com o ambiente escolar se torne distante da realidade das crianças. Por isso a importância de dispositivos pedagógicos na educação infantil, para tornar o ambiente favorável para o aprendizado da criança, precisam atender a ludicidade, o ambiente alegre, os brinquedos e as brincadeiras, que estimulam a participação da criança, desafiam sua integração, envolvimento e participação e permitem que se desenvolva gradativamente, sem perder, no entanto, a essência da infância: o brincar!

Palavras-chave: Maturação; Desenvolvimento; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A educação infantil tem papel fundamental no processo de aprendizagem da criança, desde sua adaptação ao ambiente escolar, como nos processos pedagógicos que compõe o desenvolvimento cognitivo do aluno e que farão parte de todo o processo de aprendizagem da criança, em sua vivência escolar. Porém, quando falamos especificamente da educação infantil, é preciso ter em mente que a criança ainda está em processo de maturação e alguns aspectos devem ser considerados ao considerar as etapas de aprendizagem, as propostas e ações pedagógicas a serem desenvolvidas e, especialmente, como serão apresentadas às crianças.

Ao ser matriculada na escola, a criança não tem consciência de que tipo de ambiente ela está integrando. Particularmente para crianças que são mantidas sob a tutela da família, com pouco contato com outras crianças, ao ser inserida no sistema educacional tradicional, a criança é retirada de seu ambiente natural e da rotina a que está acostumada, que é junto à família, onde tem um cotidiano livre de regras e processos, em que ela escolhe como brincar, onde correr, o que fazer, com quem interagir, etc. Já no cotidiano escolar, a criança é apresenta a rotinas elaboradas, tempos e espaços controlados, regras e acordos a serem divididos com mais algumas dezenas de outras crianças e tendo que se adaptar a muitos hábitos diferentes dos seus. Essa rotina escolar pode transformar a educação infantil num momento chato e desinteressante, transformando a aventura escolar numa experiência desagradável, pois afasta a criança de suas vivências e experiências e traz uma realidade que não é interessante para ela.

Ao ser instituída como local de aprendizagens, a escola assumiu a responsabilidade em promover o desenvolvimento, em alfabetizar e permitir que o sujeito tome para si suas potencialidades e seja capaz de transformar-se a sim mesmo e ao ambiente em que está inserido. Particularmente na educação infantil, espera-se que a criança possa desenvolver-se, apropriar-se de diversos conhecimentos, tornar-se autônoma e ser capaz de apropriar-se das diversas formas de aprendizagem. Tudo isso deve acontecer, sem desprezar-se que a infância traz singularidades que devem ser observadas em todas as etapas de aprendizagem, especialmente o aspecto lúdico, a alegria, a forma espontânea e criativa com que a criança interage com tudo e todos ao seu redor.

Na educação infantil, as ferramentas pedagógicas utilizadas para desenvolver as ações de aprendizagem, precisam, portanto, considerar a criança em sua essência, para que a escola não fique 'séria' demais, com propostas pedagógicas que tornam o aprendizado um processo cansativo e desinteressante. Para trazer a escola de educação infantil mais próximo do aluno, as diretrizes básicas para a educação (2019) e os demais documentos norteadores sugerem estratégias que utilizam recursos alternativos no intuito de facilitar e motivar a criança, através de atividades lúdicas e ferramentas que permitam à criança se divertir e aprender.

Outro aspecto importante de se destacar são as ferramentas pedagógicas utilizadas para desenvolver as ações de aprendizagem, que muitas vezes apresentam uma escola séria demais, com propostas pedagógicas que tornam o aprendizado um processo cansativo e desinteressante. Para auxiliar neste processo são sugeridas estratégias que utilizam recursos alternativos no intuito de facilitar e motivar a criança, através de atividades lúdicas e ferramentas que permitam à criança

se divertir e aprender. Quando pensamos na educação infantil, as atividades lúdicas, as brincadeiras e jogos são parte dos elementos que devem compor as estratégias e propostas pedagógicas, ressaltando os fazeres pedagógicos centrados na infância e em nas condições inerentes da infância: o brincar e a brincadeira, condições essenciais para o desenvolvimento da criança, assim como na própria construção das etapas de aprendizagem dessa fase escolar.

A INFÂNCIA, O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA: PRIMEIROS PASSOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O brincar faz parte do universo da criança e de suas ações cotidianas desde os primeiros meses de vida, logo que consegue interagir com alguém ou alguma coisa. Não à toa, a criança brinca com suas mãos e seus pés, assim que os descobre. Portanto, quando dizemos 'brincar', estamos nos referindo ao processo de criatividade e expressão da criança, que se pode acontecer com o uso de brinquedos ou apenas através de sua interação com os estímulos externos. O importante é compreender que a criança é capaz de se entreter e brincar com qualquer coisa que desperte sua atenção e sua criatividade, permitindo-lhe apropriar-se de diferentes aprendizagens, experiências e descobertas, que lhes permite desenvolver-se a amadurecer.

Todo indivíduo traz consigo uma bagagem cultural, adquirida da convivência em família ou das interações com o meio e a comunidade em que está inserido, e que vai sendo aprimorada pela troca com seus membros. Nesse primeiro contato social a criança desenvolve parte de seus hábitos e valores, que influenciam em sua personalidade. Mas a sociedade e a convivência social são experiências muito mais amplas e que exigem de todo indivíduo uma gama maior de experiência e de saberes, que irão lhe permitir transitar socialmente. No caso da criança, a convivência restrita ao seu círculo familiar pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento, pois a criança necessita de desafios e da interação com outras pessoas e realidades para desenvolver-se plenamente, pois o processo de educação das crianças em uma cultura, seja ela qual for, passa pela aprendizagem de todos os elementos que a constituem: a organização social e econômica, a estrutura das relações de parentesco, a língua, a religião, a música, a dança, etc. Cabe aos adultos educar as crianças, isto é, fazer com que elas conheçam esses elementos para que cresçam contribuindo para os desenvolvimentos dos aspectos definidores de seu povo, enquanto se desenvolvem individualmente, alimentadas pela cultura que já encontraram ao nascer. (BORGES, 2003)

Nesse sentido, a escola deve oportunizar experiências e permitir à criança movimentar-se, explorar, apreender, criar, conquistar, dividir, frustrar-se e descobrir que pode tentar novamente. Por isso a educação infantil é importante e essencial, pois é justamente nessa etapa da infância que a criança não teme explorar, não tem vergonha de erra e sentir-se julgada, não irá arrastar o sofrimento mais tempo que o necessário para perceber que tem outras tantas e inúmeras oportunidades de refazer, redescobrir e apoderar-se das experiências em seu benefício. Sendo assim, a essência da educação infantil é dar ou trocar atenção. É formar cidadãos felizes e inteligentes e a proposta de um novo tipo de escolarização infantil e a ludicidade são os primeiros passos para alcançarmos tal objetivo. (GAIARSA, 1995)

Isso posto, podemos afirmar que a educação infantil é certamente a melhor etapa para essas descobertas e formações, pois ocorre sem a pressão conteudista das etapas e ciclos da educação, uma vez que esta primeira etapa está realmente centrada na criança e em permitir-lhe conquistar sua autonomia, descobrir suas capacidades, aprimorar suas habilidades, compreender-se como ser de direitos.

Podemos perceber que em meio a essas práticas lúdicas, a criança experimenta, cria, pensa, descobre um universo de possibilidades, descobre-se como indivíduo de vontades e desejos, além de conhecer o próprio, suas capacidades e habilidades, o que auxilia em seu desenvolvimento físico e emocional, na formação de sua personalidade e nos processos cognitivos iniciais. Se a criança já brinca e aprende em casa, como a escola pode fazer com que essas ações lúdicas possam aprimorar os processos cognitivos? Porque a criança precisa passar pela educação infantil para ampliar suas habilidades e capacidades?

Considerando-se que o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor ocorre pelas diferentes etapas que o indivíduo vivencia e que os vínculos entre cada campo implica com o todo. E que o sujeito constrói esses vínculos nas suas interações com o meio, Wallon (1996) propõe o estudo contextualizado das condutas infantis, buscando compreender, em cada fase do desenvolvimento, o sistema de relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente.

Em suas teorias sobre a gênese do desenvolvimento da criança, Wallon propõe o estudo da criança contextualizada, isto é, nas suas relações com o meio e como isso influencia sua formação, em como seus recursos e os recursos do seu meio instala uma dinâmica de determinações recíprocas, onde em cada idade se estabelece diferentes modos de interações entre as pessoas. Cada uma das etapas da infância, são marcadas pelos aspectos físicos do espaço, sejam as pessoas próximas, sejam os tipos de linguagem que usam, seja o exercício cultural que cada indivíduo exprime e que formam o

contexto do desenvolvimento individual, fato que todas estão ligadas à forma como o indivíduo se relaciona com tudo que o cerca.

Na primeira infância, podemos afirmar, sem medo de errar, que o brinquedo tem a função de aproximar a fantasia da criança à realidade social com que ela convive, pois enquanto brinca, a criança reproduz em suas brincadeiras, suas experiências e vivências pessoais. Para ela, o brinquedo pode ouví-la, a fantasia se torna possível, a roupa de herói lhe permite poderes e cada brinquedo assume funções que ela reproduz de seu cotidiano e vivências.

[...] "ainda que se possa comparar a relação brinquedo desenvolvimento à relação instrução-desenvolvimento, o brinquedo proporciona um campo muito mais amplo para as mudanças quanto a necessidades e consciência. A ação na esfera imaginativa, em uma situação imaginária, a criação de propósitos voluntários e a formação de planos de vida reais e impulsos volitivos aparecem ao longo do brinquedo, fazendo do mesmo o ponto mais elevado do desenvolvimento pré-escolar. A criança avança essencialmente através da atividade lúdica. Somente nesse sentido pode-se considerar o brinquedo como uma atividade condutora que determina a evolução da criança. (VYGOTSKY 1991, p. 226-227)

Nesse contexto, podemos compreender a importância que o brincar e a brincadeira assumem nos processos de desenvolvimento da criança e, do mesmo modo, na educação infantil, reconhecidamente a primeira etapa da educação, concebida na Constituição Federal do Brasil (1988), tendo suas bases e diretrizes definidas pela Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB/96) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RECNEI (Brasil 1998), que possibilitaram um grande avanço conceitual no atendimento de crianças de 3 a 6 anos de idade, colocando a educação infantil como primeira etapa da educação básica, com a finalidade de promover o desenvolvimento integral de todas as crianças, promovendo seus aspectos físicos, psicológicos, social, intelectual e cultural, garantindo-lhes não apenas o cuidar, mas sobretudo seu desenvolvimento global.

A educação infantil ganha assim contornos de educação formadora, centrada na criança, mas sem desconsiderar suas singularidades, suas necessidades e vivências, de modo a garantir que através da educação infantil lhe seja ofertada possibilidades de formação e desenvolvimento, centrada no protagonismo da criança e em seu pleno desenvolvimento.

O BRINCAR E A BRINCADEIRA COMO ASPECTOS FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desenvolvimento infantil passa por etapas que devem ser respeitadas, relacionadas à maturação biológica e ao desenvolvimento motor da criança. Em cada etapa de desenvolvimento, as brincadeiras, os brinquedos, os jogos e demais atividades lúdicas são uma grande contribuição para este processo, pois possibilita explorar diferentes atividades e estimular a criança a superar suas limitações de maneira lúdica e estimulante, explorando sua criatividade e curiosidade, motivando-a a participar das ações propostas. Citando Piaget apud

Assis (2003, p.155) "as estruturas da inteligência se constroem através da interação da criança com o meio, a partir de estímulos e interações ela terá oportunidades de ampliar seus conhecimentos".

O brincar e a brincadeira são inerentes à criança, e fazem parte da educação infantil não apenas como forma de promover a sociabilização, o lazer, a interação e a aquisição de valores sociais, mas também como ferramenta formativa e de ampliação do desenvolvimento motor, podendo tornar-se num agente facilitador tanto para o desenvolvimento cognitivo como para a aquisição e ampliação da autonomia e confiança da criança, auxiliando-a a perceber que aprender também pode ser algo prazeroso, assim como ser um agente estimulante e motivador na superação de seus limites e suas habilidades.

Segundo Piaget (1978), os jogos não são apenas uma forma de entretenimento ou válvula de escape para gastar energia das crianças, mas também um facilitador que pode servir como ferramenta para enriquecer seu desenvolvimento. Em seus estudos sobre o desenvolvimento da criança, o autor destaca que grande parte dos conhecimentos são adquiridos através das zonas do conhecimento, onde os jogos e brincadeiras têm sua principal influência, onde as noções de regras são criadas, a socialização se faz presente, o simbólico é exercitado, além do físico e o mental. Para o autor, o jogo tem uma grande contribuição no desenvolvimento da criança, pois durante sua prática elas desenvolvem capacidades importantes, como a atenção, imitação, desenvolve e aprimora capacidades motoras, entre outros. Deste modo, o jogo se torna um facilitador para o aprendizado.

Vygotsky (2001) defende que através da brincadeira a criança libera suas experiências, expondo simbolicamente suas expectativas e suas vivências por meio desse universo lúdico, mas através de respostas repletas de significados e simbologias. E através da interação social a criança supera suas carências e liberta-se ao aprendizado. Nesse sentido, Kishimoto pontua que:

"Brincando as crianças aprendem a cooperar com companheiros, a obedecer às regras do jogo, a respeitar direitos dos outros, a acatar a autoridade, a assumir responsabilidades, a aceitar o que lhe é imposto, a dar oportunidade aos demais, enfim, a viver em sociedade" (1993, p.110).

Segundo Vygotsky, é possível determinar os estágios de desenvolvimento de uma criança através da observação das brincadeiras e jogos que a criança participa. Ainda segundo o autor, isto se comprova na seguinte constatação:

[...] "aquilo que é de grande interesse para um bebê deixa de interessar uma criança um pouco maior. A maturação das necessidades é um tópico predominante nessa discussão, pois é impossível ignorar que a criança satisfaz certas necessidades no brinquedo". (1994, p.122)

Mestre nos estudos sobre o desenvolvimento motor do indivíduo, Le Boulch (1982), destaca que a motricidade de um indivíduo está relacionada ao seu crescimento e maturidade, porém está relacionada não apenas a contextos biológicos, mas também comportamentais, pois envolve a formação e maturidade biológica e motora. Enquanto o desenvolvimento comportamental, que é influenciado pelas experiências e vivências do indivíduo no mundo que o cerca (meio-ambiente).

A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primaria. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares e escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, adquirir habitualmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais terna idade; conduzida com perseverança, permitindo prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas (1982, p. 2425).

Podemos compreender, assim, que o desenvolvimento da criança não pode ser segmentado em etapas, priorizando-se o desenvolvimento motor, o desenvolvimento social, o desenvolvimento emocional ou o desenvolvimento cognitivo, cada qual em determinada etapa de sua vida, pois cada um desses decorre em conjunto a outro (ou aos outros!), sendo impossível dissociá-los entre si. Portanto, na educação infantil é preciso considerar a criança e suas vivências, a forma como ela se relaciona e suas habilidades, para propor desafios onde a criança seja capaz de desenvolver e ampliar suas capacidades e habilidades, mas respeitando sempre a capacidade da criança em interagir com as ações propostas.

Sendo o brincar inerente à criança, à infância e à própria formação do indivíduo, sem dúvida que as brincadeiras e os brinquedos podem, então, serem considerados como espaços de construção de conhecimentos, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica. Em suas pesquisas e teorias sobre a gênese humana, Vygotsky (1998) destaca que o processo de significação é elaborado por meio da atividade em contextos sociais específicos, que permite a interiorização dos significados pessoais à cada sujeito em particular, em decorrência da associação da ação à suas vivências pessoais. Este movimento de interiorização transformadora das significações não se dá de maneira passiva nem direta, pois o sujeito reelabora o que vivencia, imprimindo sentidos particulares ao significado compartilhado na cultura. Está aqui o desafio da educação infantil, como destacado por Sarmento, que consiste na [...] "compreensão deste processo de 'reprodução interpretativa', constitutivo das identidades individuais de cada criança e do estatuto social da infância como categoria geracional (2002, p.08). Segundo suas proposições, as culturas infantis estruturam-se em torno de quatro eixos: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real (faz-de-conta) e a reiteração (compreendida como a não linearidade temporal das práticas sociais interativas de pares, ou seja, a possibilidade de transitar entre o passado-presente-futuro através da imaginação e do fazer coletivo nos grupos de pares).

Sarmento destaca que "a natureza interativa do brincar, processo que se constrói principalmente sob a égide do coletivo e da partilha, faz dele uma atividade propiciadora da aprendizagem da sociabilidade" e um dos primeiros elementos fundacionais das culturas da infância (2002, p.12). Além disso, vê as culturas da infância como sendo constituídas a partir da interrelação entre as produções culturais dos adultos para as crianças e as produções culturais geradas pelas crianças nas suas relações entre pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar, a brincadeira, o brinquedo, os jogos e demais ações lúdicas compõem o universo e a cultura da infância, reproduzidas de geração para geração, ganhando novos modelos, novas propostas, respeitando as transformações sociais, mas sempre fazendo parte do cotidiano das crianças, independentemente de sua condição social, sua idade, gênero, raça ou crença religiosa. Através da brincadeira, a criança aprende a constituir sua cultura lúdica, a demonstrar sua concepção de família e sociedade, a demonstrar os valores que está adquirindo, demonstrando o processo de suas relações, interações e transformações pessoais, produto da significação de suas vivências e experiências em

família, em sociedade e decorrente das trocas que realiza com os contextos culturais da sociedade. Deste modo, entendemos que a ludicidade é um processo constituído pelo brinquedo e pelo brincar que precisa ser experimentada por cada criança em diferentes contextos e significações. Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem oportunizar diferentes situações, proposições, intervenções e oportunidades, para que as crianças sejam estimuladas e desafiadas a transformarem-se continuamente.

As práticas pedagógicas compreendidas pela atividade lúdica são possíveis através da exploração das diversas formas de culturas e dos variados modos de brincar, permitindo assim que a criança aprenda brincando, por meio da exploração dos diferentes contextos e das várias formas de cultura que cada indivíduo introduz, ao integrar a brincadeira. Se a presença de uma cultura lúdica preexistente torna possível o brincar como uma atividade cultural, que supõe aprendizagens de repertórios e vocabulários que a criança opera de modo singular em suas brincadeiras e jogos, a diversidade permite que essa construção seja revisitada, reestruturando ações, linguagens e aprendizagens diferenciadas, a partir do reportório que cada criança apresenta, oriundo de sua cultura adquirida em sociedade. Assim, os repertórios e o vocabulário de jogo disponíveis para os participantes em um determinado grupo social compõem a cultura lúdica desse grupo e os repertórios e o vocabulário que um indivíduo conhece compõem sua própria cultura lúdica. E é a interação entre esses diferentes sujeitos que permite a construção de novos saberes e o desenvolvimento cultural de seus indivíduos.

Sendo a educação infantil o espaço educativo da primeira infância e, reconhecidamente a primeira etapa da educação básica das crianças, cabe portanto à educação infantil apropriar-se do brinquedo e da brincadeira como ferramenta formativa para a criança, possibilitando se pleno desenvolvimento e sua formação integral, respeitando-se as vivencias infantil, respeitando as singularidades de cada criança, mas reconhecendo a necessidade de estimular e desafiar a criança a integrar o universo lúdico como ferramenta auxiliar em seu processo de desenvolvimento global pois, à medida que se desenvolve, a criança constrói novas e diferentes competências que lhe permite compreender e atuar de forma mais ampla no mundo.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARRETO, S. de J.; Psicomotricidade: educação e reeducação. Blumenau:

Acadêmica, 2000.

BORGES, T. M. M.; A criança em idade pré-escolar: desenvolvimento e educação. 3. ed. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 1988.

BRASIL. Parâmetros Nacionais de Qualidade para as instituições de Educação Infantil. Secretária de Educação Básica. Brasília: MEC, 2006.

GAIARSA, José Angelo; Sobre uma Escola para o Novo Homem. São Paulo:

Gente, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko. M.; Jogos Tradicionais Infantis: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. O Jogo e a Educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.

LE BOUCH, Jean J.; O desenvolvimento psicomotor do nascimento aos 6 anos: a psicocinética na idade pré-escolar. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1988.

PIAGET, Jean; A formação do símbolo na criança: imitação jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SARMENTO, Manuel. J.; As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. Disponível em: http://www.iec.minho.pt/cedic/textosdetrabalho <Acesso em: 15.abril.2022>.

SILVA, Elizabeth. N.; Recreação e Jogos. 2. ed., Rio de Janeiro: SPRINT, 1999.

VYGOTSKY, Lev S.; A Formação Social da Mente. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.